

A Etiqueta



Sol, temperatura agradável, compras feitas na véspera, trabalhos dos miúdos despachados, tarefas prioritárias resolvidas, almoço fora... O domingo prometia, pensava a super ordenada Laura Souto. Contudo, um saber de experiência feito dizia-lhe que o melhor era não ser demasiado optimista. Poderia nem tudo correr como esperava e desejava.

António fora com os garotos comprar o jornal. No regresso vinha a ralhar com eles.

- Não se sabem comportar, sempre a pedir coisas, uns impacientes que não deixam um cidadão fazer uma mísera compra descansado!

- O pai, também, zanga-se por coisinhas de nada -. Protestou o mais velho, meio amuado, enquanto se dirigia para o quarto e o outro, muito sério, se quedava à espera de uma oportunidade para igualmente se escapar.

- Ó Tó, deixa-os lá! O que é que eles queriam, afinal?

- Olha, já nem me lembro. Sei que são uns chatos! Para desanuviar vou dar uma vista de olhos pelo jornal. Não te esqueças que saímos ao meio-dia.

O incidente parecia ultrapassado. Alguma insanidade, porém, andava por ali a vogar, apostada em estragar o prometedor domingo. Próximo da hora de saída, Laura percebeu que o marido estava, outra vez, a protestar. Acorreu a tempo de ouvir parte do raspanete que ele aplicava ao filho mais novo:

- É uma falta de educação interromper ou fazer perguntas a uma pessoa que se encontra a falar com outra ao telefone. Nunca debes fazer isso, ouviste?

Laura pensou que o tom e o barulho eram exagerados. E, antes que pudesse perguntar alguma coisa, disparou o marido:

- Estava a falar-me o Esteves, de um sítio mau para telemóveis, quando o Rodrigo entrou por aqui dentro a fazer-me perguntas de cacaracá sobre os joguinhos dele e a baralhar-me acerca de um problema que, sem falta, vou ter de resolver amanhã.

E depois, com ar desanimado, acrescentou.

- É urgente começarmos a dar umas lições de bons modos e etiqueta a estas crianças. O nosso exemplo, só por si, não parece suficiente.

- Ó querido, eles portam-se bem e toda a gente o diz. Não estejas tu a pegar com os miúdos, agora digo-o eu, por coisas de cacaracá.

Nada feito. O dia foi todo assim, uma sequência de períodos de descanso entremeados de agastamentos devidos a razões fúteis ou, talvez, uma sequência de agastamentos entremeados por alguns períodos de descanso. António acabou por reconhecer não se encontrar bem, não se compreender a si mesmo. Pediu desculpas e abespinhou-se, abespinhou-se e pediu desculpas. Havia coisas irritantes que se desdobravam sem cessar. O mundo estava apostado em transtorná-lo e ele transtornava-se já sem saber porquê. Que seca! Que balbúrdia de pequenas chatices!

Se calhar tinha de ir ao médico. Era no que pensava, à noite, enquanto se despia.

- Maldita etiqueta esta da camisa! Todo o dia me fez comichão e arreliou! Ó Laura, dá-me aí uma tesoura... vou descosê-la já.

Pedro Paulo de Faria
Março de 2008